

Guaraná Cerebral

De Diogo Liberano

Janeiro/Fevereiro de 2010

Revisado em 20 de abril de 2010

“A lembrança é a liberdade do passado”
Maurice Blanchot

Para Dominique Arantes,
Um amor da minha vida.

Penumbra: é o espaço da memória. Imersos em escuridão, três vértices formam um triângulo, composto por três fragmentos de espaços distintos deste presente agora. Memória que os costura e que os devora, acendendo por vezes e por vezes os perdendo em repentina escuridão.

No vértice central, ao fundo, uma poltrona de braços comidos por cigarros passados recebe em seu colo uma garrafa de vinho suja e esvaziada. No segundo ponto, à esquerda frontal, no chão descansam malas e uma longa mochila, sobre a qual resta um pequeno botton com uma rolha de cortiça na ponta espetada. E, no último vértice, à direita frontal, uma escultura africana moldada a ferro oprime um recorte de grama verde e viva que resta sobre o chão.

PRÓLOGO

Marcelo surge, pega a garrafa de vinho e senta em sua poltrona.

Marcelo – De antemão, a culpa é minha. Não é bem culpa. Mas a coisa em si, ela é minha. Toda minha. Eu desenterrei os cadáveres, eu fiz durar mais do que devia este gosto aqui na boca. Isto. Isto que a cada segundo em mim pediu abrigo e eu sempre dei. Agora é tarde. Eu não fui forte o bastante para construir casa casamento nem cachorro. Comigo nada disso valeu. Disso nada valeu comigo porque eu fiquei parado no dia em que a gente rompeu. Parado no dia em que a gente aqui neste mesmo lugar se deu e doeu, para se dar outra vez, só que enfim, por vencidos.

Vitória sem vencedor, sem abrigo. Vitória sem abraço é triunfo sem sentido.

E agora esse reencontro por mim proposto. Por mim de novo. Para encontrar outra vez essa lembrança tão presente, mas sem destino. Nem todo gozo vai esquecido porque nada se foi completamente. E é minha. É culpa. Eu cultivei todo o resto, guardei todo e cada abraço. Como fosse trilha, vestígio. Lembrança regada a cada dia é memória recriada e repetida. É desde sempre chegada. É porto-seguro. É, pois hoje, minha vida:

Um presente que me dei.

Ergue-se, deixando a garrafa sobre a poltrona.

PRIMEIRO MOVIMENTO

Joaquim surge.

Marcelo – Achei que você não viria mais.

Joaquim – Achou mesmo, foi?

Marcelo – Não. Foi apenas uma forma de dizer boa noite.

Joaquim – É difícil acreditar... Mas nós aqui de novo outra vez.

Marcelo – Difícil, mas... Nós aqui de novo outra vez agora.

Joaquim – Quando você me convidou, não pensei que fosse algo assim tão especial.

Marcelo – É especial para você?

Joaquim – Não. Mas espero que você me prove o contrário.

Marcelo – Este lugar que sempre nos recebe. Não é incrível?

Joaquim – Incrível é não ter nada para beber ou mordiscar, um pistache, um damasquinho, uma dessas coisas que se coloca entre os dentes e se morde com prazer...

Marcelo – Não mudou nada.

Joaquim – Eu posso ir comprar. Você não quer?

Marcelo dá um passo ao lado, revelando o espaço vazio no qual já esteve a garrafa.

Joaquim – Que surpresa. Mais outra garrafa de vinho.

Marcelo – A garrafa de vinho, você quis dizer.

Joaquim – Olhando para você assim todo solto, com a roupa do corpo, eu diria que essa garrafa de vinho só não é como todas as outras porque abre sem saca-rolhas...

Marcelo – Merda.

Joaquim – O que foi?

Marcelo – Eu sempre esqueço.

Joaquim – E o mini-saca-rolhas que eu te dei?

Marcelo – Está guardado. É parte do nosso relicário.

Joaquim – Então continuaremos com sede e ela continuará especial. A sua garrafa.

Marcelo – Foi guardada para nós...

Joaquim – A gente?

Marcelo – Para nós.

Joaquim – Eu e você?

Marcelo – A princípio, nós aqui reunidos.

Joaquim – E por qual motivo? Estamos aqui agora. Mas por quê?

Marcelo – Eu não sei. Eu não preciso saber. Tem algum mal nisso?

Joaquim – Bom, enquanto você não diz a razão deste encontro, vamos falar de amenidades. *(Dá um passo ao lado, revelando o espaço vazio no qual já esteve a escultura moldada a ferro)*. Trouxe para você...

Marcelo – Nossa, é o quê?

Joaquim – Uma escultura.

Marcelo – Sim, mas de quê?

Joaquim – Eu não sei. É esquisita, me lembrou você.

Marcelo – Certo, mas de onde é?

Joaquim – De Cabo Verde, diretamente da África.

Marcelo – É feita de quê?

Joaquim – Olha, não precisa gostar. É só me dar em troca algum motivo.

Marcelo – Sim, o motivo.

Joaquim – Diga.

Marcelo – Encontrar.

Joaquim – Para o quê?

Marcelo – Para estar junto. Encontrar. Para saber como você está, o que anda fazendo...

Joaquim – Você não quer saber nada disso.

Marcelo – Talvez não... Encontrar para confirmar tudo o que eu ainda sei de você.

Joaquim – Você não faz idéia.

Marcelo – Pois então, encontrar para falar de tudo o que eu ainda não sei de você.

Joaquim – Falar de trabalho, velórios, aniversários, das viagens, falar daquilo que se vê num banheiro de aeroporto?

Marcelo – Dos amores...

Joaquim – Falar dos amores!

Marcelo – E por aí vai...

Joaquim – E por aí foi...

Marcelo – E vai por aí...

Joaquim – Mas vai para onde, Marcelo?

Marcelo – Vai para onde quisermos que vá, Quim.

Joaquim – Quim.

Marcelo – Ainda agora, você é Quim para mim.

Joaquim – Eu não ouvi direito, diz aqui.

Marcelo – Quim...

Joaquim – Como é?...

Marcelo – Espera.

Joaquim – Quem?

Marcelo – Eu queria antes te agradecer por ter vindo...

Joaquim – Antes do quê?

Marcelo – Achei mesmo que não viria.

Joaquim – Achou mesmo, foi?

Marcelo – Não. Foi apenas uma maneira de dizer que a noite está... Especial.

Joaquim – Pois então saiba que você me deve uma noite excelente!

Marcelo – E já não está boa desse jeito?

Joaquim – Não. Porque eu tenho fome.

Marcelo – Não vale. A sua fome é incapaz de saciar.

Joaquim – Isso não é novidade para você.

Marcelo – Que a sua fome é incapaz de saciar você?

Joaquim – Você já tá fazendo poesia com a minha cara?

Marcelo – Talvez com você inteiro.

Joaquim – Eu não gosto de metáforas.

Marcelo – Não são metáforas. Tudo está claro, eu sei que está.

Joaquim – Mas é só você quem entende.

Marcelo – Saudade de você. É isso. Quer que eu desenhe?

Joaquim – Não. Disso eu entendo bem.

Olham-se distantes num tempo preciso. Joaquim avança e abraça Marcelo, que cede.

SEGUNDO MOVIMENTO

Então Sabrina. No rosto, palidez impossível de maquiar. Na boca, vermelhidão explícita, incapaz de conter.

Sabrina – Faltou mencionar que ele viria.

Marcelo – Era uma surpresa.

Sabrina – Para quem?

Marcelo – Eu não avisei a vocês sobre vocês porque vocês...

Joaquim – Espera um pouquinho... Então ela veio crente que era o prato da noite?

Sabrina – Ou será que foi o senhor que bancou a sobremesa?

Marcelo – Por favor, vocês dois, era para ser um reencontro ameno...

Sabrina – Típica surpresa sua, não, Marcelo? daquelas tão desagradáveis que ninguém consegue imaginar como uma pessoa pode ter a capacidade de propor uma coisa dessas. Mas, olha, você é equivocadamente surpreendente.

Marcelo – Se eu tivesse avisado que estaríamos os três, vocês não viriam.

Sabrina – Ora, pois agora infelizmente eu já estou aqui. E você?

Joaquim – Cheguei primeiro, inclusive. Primeiro o jantar, depois a sobremesa. E tu?

Marcelo – Eu já disse...

Sabrina – Eu não ouvi, repita.

Joaquim – Estamos aqui para estar juntos. Para encontrar. É o que ele vai te dizer.

Marcelo – Estamos aqui para... Para dar um ponto.

Joaquim – Virou estilista.

Marcelo – Não.

Sabrina – Dar o ponto?!

Marcelo – Para saber, enfim, como fica isso entre a gente aqui.

Sabrina – Tem alguma coisa entre a gente que eu não tô vendo?

Joaquim – Ele está falando tudo muito confuso hoje.

Sabrina – Quer que eu desenhe para você entender?

Joaquim – Você. Ainda a mesma, não?

Sabrina – Ainda o mesmo, sim? Você.

Joaquim – Numa versão melhorada, eu diria.

Sabrina – Que infortúnio!

Joaquim – Pois é... Não sou mais aquela tristeza que você tanto adorava.

Marcelo – Vocês não vão falar nada direito?

Sabrina – Infelizmente, só temos atrocidades para trocar um com o outro.

Marcelo – Vocês podiam, ao menos, ter se dado boa noite.

Joaquim – É verdade. Isso não é motivo para deixar de ser educado. Como sempre fomos. Bom... Então... (*Escolhe a palavra*). Boa noite, amado...

Joaquim troca beijos com Marcelo, que depois, o faz com Sabrina, seguindo o jogo.

Marcelo – Boa noite... (*Relutante*). Amada.

Sabrina – (*num suspiro desfigurado*). Noite! Amado!

Joaquim – Tudo bem, amada, eu te ajudo, vem aqui... (*Joaquim tenta abraçá-la*).

Sabrina – (*Repudiando-o*). Não encoste em mim, amado!

Joaquim – O que é isso agora? Vai dar pinta de que ficou excitada, amada?

Sabrina – Gente... Amados, por favor, eu não quero mais brincar desses joguinhos.

Marcelo – Ainda que a escolha tenha sido equivocada... Você precisa terminar os cumprimentos... Amada...

Sabrina – Não, amado. Amado, não. Eu não preciso fazer mais nada que eu não queira.

Joaquim – Olha, eu vou acabar achando que eu sou por ti amado, amada.

Marcelo – Amados, eu não vou agüentar vocês dois por muito tempo.

Joaquim – Amada, é só chegar.

Sabrina – Não.

Joaquim – Amado, ela não disse a palavra “amado”.

Sabrina – E não vou dizer.

Joaquim – Veio até aqui para o que então, para dizer que nada nosso importa mais?

Sabrina – Vim porque achei que seria o Marcelo e não você... E ele.

Marcelo – Então minha surpresa funcionou?

Sabrina – Cala essa boca.

Joaquim – Relaxa Marcelo. Ela tá na TPM. Tensão Pós-Matrimônio. Não tá na cara? Quer dizer, no dedo?

Silêncio brusco. Sabrina não esconde a mão. Olham para o dedo no qual sua aliança já esteve presa, mas onde hoje, não há mais nada.

Marcelo – Então você se casou mesmo?

Sabrina – Mas é claro. É o que pessoas normais costumam fazer.

Joaquim – Quem foi que disse que você é normal?

Marcelo – Não comecem vocês dois. Por favor, Quim...

Sabrina – Quim?!

Joaquim – Sério mesmo que você encontrou alguém?

Sabrina – Eu diria que fui encontrada.

Joaquim – É a sua cara enfiar um anel no dedo pra fingir que tá com as contas pagas.

Sabrina – Eu casei no civil!

Joaquim – Casou no civil?!

Sabrina – E toda fantasiada.

Joaquim – Fez festa?

Sabrina – Com docinho, música ao vivo e gente pelada correndo na praia.

Joaquim – Ele, pelo menos, trepa gostoso?

Sabrina – Isso não é da sua conta.

Marcelo – E eu posso saber quem é?

Sabrina – Não. E por favor, não fiquem enciumados.

Joaquim – Grossa, grossa, grossa...

Sabrina – Sempre.

Joaquim – Sempre.

Marcelo – E agora?

Sabrina – E agora o quê, Marcelo? Você que inventou essa palhaçada toda. Chamou a gente até aqui e vai me dizer que não vai ter nada além de nós três? Cadê o circo que eu não estou vendo? Podia, ao menos, ter preparado uma mesinha com vinho queijo ou qualquer coisa que se pudesse colocar entre os dentes!

Marcelo – Nada mudou mesmo.

Joaquim – Ah, chega disso! Mudou sim, mudou sim! Eu estou muito mais gostoso do que ontem, além de ter viajado bastante nos últimos anos. Você, Marcelo, está com um vocabulário intragável. Você precisa parar de comer livro e começar a comer outra

fruta! E você, Bina... Pela tranquilidade e simpatia já percebemos que está super feliz com esse casamento e que ele está dando super certo... Agora, me responde, quantas crianças estão segurando essa empreitada?

Sabrina – Uma prole.

Marcelo – Então você é mãe?

Sabrina – Não está escrito na minha cara?

Joaquim – E todas com um mesmo pai?

Sabrina – Ai, Quim, meu amor...

Marcelo – Quim?!

Joaquim – E disse “amor”...

Sabrina – O que foi, vocês dois? Não estamos aqui inaugurando nenhuma novidade, não! Estamos de volta como em tantas outras vezes para falar mal uns dos outros, para matar a sede a fome...

Joaquim – Mas como ninguém trouxe a guaraná...

Sabrina – Vamos ter que nos devorar. É isso. Nada muito novo, não?

Marcelo – Poderíamos nos falar, apenas. Não é melhor?

Sabrina – Ai, que dinâmico, Marcelo. Então começa você, amado. Conta para a gente. Vai, fala desse desejo que extravaza o nosso corpo e que nos deixa assim como estamos agora, tão prósperos e sublimes e grotescos...

Marcelo – Eu havia dito. O verbo é encontrar.

TERCEIRO MOVIMENTO

Silêncio repentino entre eles, quebrado com agilidade por Joaquim.

Joaquim – Encontrar a mão que encaixa.

Sabrina – Encontrar a chupeta.

Marcelo – A palavra exata.

Joaquim – A chupeta?!

Sabrina – A mamadeira e a fralda.

Marcelo – Encontrar a lembrança.

Joaquim – A pedra nos rins.

Sabrina – Um marido decente.

Marcelo – Encontrar o presente.

Joaquim – Que você escondeu de mim?!

Marcelo – Não. Está tudo exposto. Por que você não joga o jogo?

Sabrina – Porque perdeu a graça.

Marcelo – Mas estamos os três aqui reunidos.

Joaquim – Eu ia preferir se a gente tivesse se encontrado num bingo.

Marcelo – Estamos aqui presentes. Só que separados. Ou pior: dispersos, perdidos, distantes, autoritários...

Sabrina – Vai começar o sarau da sinonímia!

Marcelo – Nós estamos aqui presentes. Escutem! Só falta desembulhar.

Sabrina – Certo, desse eu gosto.

Marcelo – Pois comece: desembulhar.

Sabrina – Bom, eu casei com um homem. Em breve terei uma casa com piscina.

Joaquim – Eu pulei de asa delta. E agora conheço o Egito.

Marcelo – Eu parei de usar máquina de escrever. Comprei um laptop.

Sabrina – Eu engordei. Semana que vem começarei a emagrecer.

Joaquim – Eu pulei de bungee jumping. E continuo a me masturbar.

Marcelo – Eu mudei de apartamento. Comprei uma máquina de café expresso.

Sabrina – Eu tive dois filhos. Se tudo der certo, morrerei antes dos dois.

Joaquim – Eu tive hemorróidas. E agora tenho piercing nos mamilos.

Marcelo – Eu parei de fumar. Eu voltei a fumar.

Sabrina – Eu comprei um cachorro. Um dia vou esquecer ele no meio do parque.

Joaquim – Eu treinei *Le parkour*. E ainda sinto tesão em banheiros públicos.

Marcelo – Eu ouvi a nossa música. Durante três dias seguidos. Eu reli nosso livro.

Sabrina – Eu recebi uma proposta de casamento de uma mulher.

Joaquim – Eu fiz um *mennage a trois* com dois gringos. Mas sempre me lembro de nós três lá no início.

Marcelo – Eu ia tentar suicídio. Mas uma amiga minha conseguiu antes de mim e no final das contas eu desisti, porque sofri muito vivendo tudo aquilo. Então eu achei melhor procurar vocês e ver se algo aqui poderia mudar isso que eu estou sentindo.

Sabrina e Joaquim emudecidos. Marcelo demora, mas olha-os, meio receoso.

Marcelo – Não se preocupem. Vocês não têm nada a ver com isso. Foi só uma ideia que eu tive para ver se acontecia alguma coisa diferente. Por favor, me desculpem.

Sabrina – Eu vou ficar um tempo calada, só tô te avisando pra não parecer falta de respeito ou qualquer coisa assim. (*Após uma pausa, nevrálgica*). Porra, isso é sério, Marcelo?

Marcelo – Não tem importância.

Joaquim – Ah, não tem? Você quer comer chumbinho e acha que tá legal, que a gente vai ficar tipo jóia se isso acontecer?

Sabrina – Não tem graça, Quim.

Joaquim – Não tem, mas tem que ter. Você ouviu o que ele acabou de falar? Como se fosse a coisa mais simples do mundo?

Marcelo – Eu disse para vocês não se preocuparem.

Sabrina – Ah, cala essa boca!

Marcelo – Eu tô bem...

Joaquim – Só tá precisando de uns amassos, é isso, diz que é isso, eu te conheço. Bina, olha a cara dele, cara de quem não trepa desde a páscoa.

Sabrina – Eu não posso resolver isso.

Joaquim – Tudo bem, eu resolvo. Vem aqui, Celo. Você quer primeiro um beijo ou queres continuar aquele nosso abraço?

Marcelo – Pára com isso, Joaquim.

Joaquim – Não foi você quem disse que as coisas não mudaram?

Marcelo – Pelo visto eu me enganei.

Sabrina – Ah, Marcelo, chega de show, vamos lá, não custa nada ser direto! O que foi?

Joaquim – Exato. Bina falou como se soubesse o que é isso. Você disse que havia nos chamado para encontrar. Depois fez uma correção bobá dizendo que era porque ia se matar. Mas como a gente não acreditou, e eu tô falando mais do que deveria para ver se te dou mais tempo para inventar outro motivo, vai, nos diz agora o porquê disso tudo.

Marcelo – Eu não vou dizer outra vez encontrar. Só que eu preciso olhar para vocês por um instante. Um instante apenas. Olhar sem dizer nada.

Sabrina e Joaquim se olham. Marcelo, esvaziado, satisfeito por tê-los ali, contempla-os.

Joaquim – Você não tá olhando... Ele não tá olhando pra gente, ele tá pensando!

Sabrina – Pensando num motivo para nos ter aqui, inteiramente a sua disposição.

Joaquim – Cara, se isso for verdade, eu vou ter que concordar: você não mudou nada.

Sabrina – Mudou sim. O tempo passou. Já se foram anos. Mudamos os três...

Joaquim – Você não está tão velha assim.

Sabrina – Depois de ser mãe, os segundos passam como fossem horas.

Joaquim – Não exagera, você tá ótima. Não mudou quase nada.

Sabrina – Isso era para ser bom?

Joaquim – Não foi?

Sabrina – Não, porque eu sei o quanto mudei.

Joaquim – Mudar de açúcar para adoçante não é uma mudança considerável...

Sabrina – Mas só quem muda sabe o quanto foi difícil mudar.

Joaquim – É que entre a gente fica essa sensação de não-mudança. Eu sinto, eu acho, que a gente meio que ficou parado desde quando tudo acabou.

Sabrina – Talvez porque tudo não tenha acabado ainda. Olha ele ali pensando em tudo ao mesmo tempo. Costurando os pedaços.

Joaquim – Desde quando o Marcelo não fez isso? Desde quando ele não quis desvendar o mistério da nossa existência?

Sabrina – Não vamos começar a falar desse jeito! Depois de certa idade esse vocabulário todo começa a parecer coisa de adolescente ou de desesperados.

Joaquim – Você tem medo de envelhecer?

Sabrina – Joaquim!

Joaquim – Você nunca falou tanto sobre o tempo.

Sabrina – Eu mudei. Só isso. E você?

Joaquim – Mudei de cidade. Várias vezes. Cada seis meses num lugar. Deu para perceber como o mundo é infinito e como a gente é pequeno, quase mesquinho.

Sabrina – Sei... Diz isso para ele então.

Joaquim – Ele tá ouvindo.

Sabrina – Mas diz, mesmo assim. Ele vai gostar. Diga: Marcelo, você assim pensando parece ser tão mesquinho e pequeno.

Joaquim – Mas ele é um pouco assim. Sempre foi.

Sabrina – Não vem com essa. Não sempre foi nada. Quando eu conheci o Marcelo...

Marcelo – Fala.

Sabrina – Ora, ora... Mas é claro que eu não vou falar nada. Sabe por quê? É que eu preciso olhar para você por um instante apenas. Olhar sem dizer nada.

Marcelo – Não, fala. Eu quero te ouvir.

Joaquim – Vai, fala. Eu quero se ouvir.

Sabrina – Nós três sabemos exatamente como foi.

Marcelo – Não custa nada lembrar.

Sabrina – Ah, custa sim. Custa porque eu não vim aqui para isso.

Marcelo – Veio para o quê então?

Sabrina – Talvez tenha vindo pra ter certeza de que não encontraria só você, Marcelo. Talvez para ver a cara suja de vocês dois. Para ver este céu, sem igual. Talvez eu tenha vindo até aqui para confirmar tudo o que eu ainda sei de vocês.

Joaquim – Ele não quer ouvir sua poesia. Quer ouvir apenas o que diz respeito a ele.

Sabrina – Eu não ouvi direito, diz aqui.

Joaquim – Fala que você veio ver a cara suja dele.

Sabrina – Como?

Joaquim – Que você veio ver a cara suja dele.

Sabrina – De forma alguma, ele vai pedir para eu descrevê-lo, falar da cor dos olhos e perguntar se estão tristes ou melancólicos... Eu não vou durar.

Joaquim – Ele é mesmo difícil de satisfazer.

Sabrina – Por isso somos nós dois...

Joaquim – E o mundo...

Sabrina – E tudo isso ainda é pouco... E ele vai querer inventar palavras novas...

Joaquim – Escrever poemas inevitáveis sobre você...

Sabrina – E sobre mim...

Joaquim – E sobre nós...

Sabrina – Sobre os três. Sem fim...

Joaquim – Vamos combinar? Ele é muito fino, não?

Sabrina – Cita Camões, Cazusa, Clarice, Camus e Coralina...

Joaquim – Declama Drummond, Bandeira, Neruda e Gonçalves Dias...

Sabrina – E sempre com as rimas.

Joaquim – Sempre com as rimas...

Sabrina – Fala de Kundera, Baudelaire, Eça, Machado e Marguerite...

Joaquim – E dá-lhe Wilde, Sá-Carneiro, Rimbaud, Rilke e Quintana...

Sabrina – Ele faz Virginia parecer sua amiguinha de infância...

Joaquim – E Werther virar um menino prodígio...

Sabrina – Ele complica uma simples pedra no meio do caminho...

Joaquim – E deturpa Pessoa comparando-o com Chico...

Sabrina – Ele multiplica as tentações de Fausto e nada mais é suficiente...

Joaquim – Porque pra piorar ele ainda se acha muito parecido com Nietzsche...

Sabrina – Mesmo signo.

Joaquim – Nascidos no mesmo dia e mês.

Sabrina – Ele vai dizer que a culpa é do eterno-retorno...

Joaquim – Ele vai pôr a culpa na própria culpa.

Sabrina – Meu amor, ele gosta de Orides de Lourdes Teixeira Fontela.

Joaquim – Ele gosta.

Sabrina – Gosta sim.

Joaquim – Ela é maravilhosa mesmo.

Sabrina – Já me tirou noites de sono...

Olham para Marcelo, que os contempla com os olhos vidrados.

Joaquim – E por que fala em toda essa rapaziada? É o que eu te pergunto.

Sabrina – Porque sabe que, além dele, ninguém mais os conseguiria entender.

Joaquim – É cantada certaíra.

Sabrina – Capaz de derrubar qualquer um.

Joaquim – E você caiu.

Sabrina – Assim como eu: você caiu.

Joaquim – E não é de todo ruim, não é mesmo?

Sabrina – Não mesmo... Mas diga. Em que será que ele está pensando agora, quando a gente vai lhe escorrendo a mão pela cara?

Joaquim – Pelo gesto...

Sabrina – Ou rosto...

Joaquim – Na carranca...

Sabrina – Ou na face...

Joaquim – Na cútis...

Sabrina – Ou pelo balde...

Joaquim – Enfim... O sarau da sinonímia nos persegue, é inevitável.

Sabrina – E eu nunca fui tão bela para uma pessoa como fui para o Marcelo.

Joaquim – Isso foi uma cantada?

Sabrina – Não. Foi uma forma de dizer saudade.

Joaquim – Bom, talvez ele nem esteja pensando em nada. Eu não sei explicar, mas acho que a química entre a gente saiu meio alterada. Eu tô falando de vício, de coisa tipo droga, coisa pesada. Eu acho que eu fiquei dependente dessa relação.

Sabrina – E por que partiu?

Joaquim – Talvez porque soubesse que numa hora ou noutra seria preciso voltar.

Sabrina – E aqui estamos nós... Ainda assim, persistindo... Acho que você já pode falar, Marcelo. Já lhe demos páginas e mais páginas de texto, agora pode vir. Diga o que você viu em nós que nem a gente foi capaz de perceber?

QUARTO MOVIMENTO

Marcelo – É tão bonito ver vocês dois assim unidos. Na verdade, assusta um pouco, é verdade, porque vocês se juntam assim, explicitamente, somente quando precisam judiar de alguém. Pode ser qualquer um, não importa, poderia ser eu, alguém que derramou vinho no seu vestido como naquela vez. Se lembram? São nesses momentos que o mundo começa a estremecer. Porque vocês desatam a falar nessa língua repleta das mesmas ironias, cheia das mesmas grosserias... É uma língua tão datada, sabe? Só que eu gosto. Eu não sei explicar, mas eu gosto. Isso fez muito sucesso lá quando a gente se conheceu, naquela hora hoje já ultrapassada.

E é uma pena que estejam assim tão divinos unicamente porque existe alguém sob os dois sendo pisoteado, e já sem ar, e sem graça, e sem saber como se portar nem o que dizer. É neste corpo aqui, no chão, para onde escorre todo esse tesão, quer dizer, toda essa tensão que vocês precisam disfarçar. Só que é mesmo uma pena que precisem descontar num outro o fato de vocês desejarem ficar colados eternamente, como se não houvesse mais nada além dos dois amantes. Isso é triste. É bonito. Eu diria solene.

Joaquim – Olha, Celo. A gente tá aqui esperando você lidar com essa situação que você inventou, mas não nos peça a polidez nos gestos, nem nas palavras. Tudo mudou e assusta, porque agora estando os três aqui reunidos, a sensação é de que não mudou nada. E era tão importante que alguma coisa tivesse mudado.

Marcelo – Certo, então, por favor, vocês podem ir. Eu não vou me importar.

Sabrina – Claro, até porque a sua noção de coletivo termina no seu próprio umbigo. (*Sabrina saindo*).

Joaquim – (*a segura*). Espera aqui. Diz para a gente então, Celo... Como fica?

Sabrina – Vai se afogar num rio, pular do décimo oitavo andar?

Marcelo – Esquece isso. Era uma forma de dizer que fez falta.

Sabrina – Você já usou melhor suas palavras.

Joaquim – E não foi tão difícil dizer saudade, foi?

Sabrina – Ele ainda não disse isso.

Joaquim – Disse para mim, antes de você chegar.

Sabrina – Então eu sobreí... E isso quer dizer que o ponto está dado. Ponto final. Era o que você queria?

Marcelo – O que eu queria já deu tempo de gravar. Eu só vim até aqui para isso mesmo.

Joaquim – Você está filmando o nosso encontro?

Marcelo – Cada detalhe, cada vírgula, cada respiração. Eu tô gravando em mim esse encontro a fim de abraçá-lo quando não tiver mais nada entre as mãos.

Sabrina – Isso é poesia. E da pior qualidade.

Marcelo – O que não é nenhuma novidade pra vocês.

Joaquim – Pára com isso. A gente adora a sua poesia.

Marcelo – Poesia cheirando à pele, perda, a pelos...

Sabrina – À saliva, a pelos, à pele...

Marcelo – Cheirando a suor...

Sabrina – A sexo, sim. Cheirando a sexo.

Joaquim – Calma lá, vocês dois. E se ele estiver realmente filmando o nosso encontro?

Sabrina – Será então mais fácil se lembrar de tudo isso quando já não pudermos mais nos frequentar.

Marcelo – É mais ou menos por aí.

Joaquim – Então vamos tentar deixar as coisas mais amenas, certo?

Sabrina – Eu não vou dizer mais nada. Agora sou eu quem vai contemplar.

Marcelo – Isso não é de todo ruim, você vai ver.

Joaquim – Eu acho bonito, sério. Ter feito tudo isso com tanto cuidado, é você, a gente gosta, não tem jeito. Lembra o sabor dos cafés da manhã preparados, se lembram?

Sabrina – Apesar de faltar o café... E a manhã...

Joaquim – Mas estamos os três aqui. Eu te entendo, Celo. A saudade, o lembrar, tudo isso, só não entendo porque agora você nos pede pra partir, se o verbo foi encontrar.

Marcelo – Porque talvez já esteja pensando na hora em que for preciso reencontrar.

Joaquim – Eu acabei de dizer isso.

Sabrina – Ele ouviu.

Joaquim – Mas, se você quiser, eu posso ficar.

Marcelo – Você já está aqui.

Joaquim – Não. Ficar por um tempo. Cuidar de você. Isso não é um problema para mim, será um acordo nosso. A minha vida tem sido isso mesmo, cada hora num lugar. Talvez seja o momento oportuno pra cuidar de você...

Marcelo – E de mim...

Joaquim – E de nós...

Marcelo – E de nós. Sim.

Joaquim – Se você quiser, a gente compra um cachorro. Eu quero um cachorro faz tanto tempo! Mas não se tem um filho desses por diversão. Cachorro não é casa, não segura casamento. Cachorro é amor desmedido, é necessidade... Você não quer?

Marcelo – Um cachorro?

Joaquim – O resto daquele abraço nosso que foi partido...

Marcelo – Eu queria um cachorro. Mas acho que cachorros não iriam te satisfazer.

Joaquim – Desejo é uma coisa que um beijo é capaz de resolver.

Marcelo – E quando não for mais?

Joaquim – A gente constrói casa com planta piscina churrasqueira telefone. A gente enche a cozinha de eletrodomésticos, pinta cada cômodo de uma cor, a gente dorme em separado e com o tempo já nem se olha e demora sob o banho solitário, gastando a memória do vizinho, e não mais o corpo de quem a gente tem no quarto...

Marcelo – O que foi isso?

Joaquim – Foi a premonição de uma vida na qual um simples beijo é problematizado.

Marcelo – Não há problema algum...

Joaquim – Então me beija.

Marcelo – Pára com isso, Quim.

Joaquim – Não te pedi em casamento. Anda, beija.

Marcelo – A Sabrina não precisa ver esse tipo de situação...

Joaquim – Eu tô falando do que você precisa.

Marcelo – Do que nós precisamos.

Joaquim – Ela vai adorar gravar isso que agora de novo entre nós volta a acontecer.

Marcelo – Isso o quê?

Joaquim avança a Marcelo e o beija com voracidade. Sabrina sorri, num silêncio velado, de captura.

QUINTO MOVIMENTO

Sabrina, enquanto fala, mantém os dois no beijo atrelados.

Sabrina – Depois a gente aprendeu a gostar de vinho, mas tudo começou com uma guaraná. Tem fases na vida que tudo o que a gente precisa é de um absurdo para dar sentido a alguma coisa. Eu lembro, estava calor. Entrei num restaurante cheio e encontrei bem lá no fundo uma mesa vazia. Apoiei sobre ela a cartela de comprimidos e fui ao bar. Mal cheguei ao balcão e o garçom me fez voltar, dizendo que iria até a mesa me atender. Foi quando voltei e ele já com meus comprimidos na mão perguntou se eu estava sentada ali. Eu disse que sim e o garçom pousou na mesa um copo cheio de gelo e uma lata de guaraná. Você quer, já que a sua bebida não chegou? Eu só preciso do gelo, falou. Olhei bem dentro de seus olhos, enquanto ele enfiava os dedos no copo e retirava um cubo de gelo que rapidamente colou a própria nuca. É melhor que remédio. E abriu a guaraná enchendo o copo. Não quer? Eu queria experimentar a coisa do gelo, é verdade, por isso bebi a guaraná para esvaziar o copo. Foi quando o outro surgiu, preso dentro de uma gravata. Pediu licença e perguntou onde era o banheiro. Indicamos um corredor ao fundo do restaurante e nisso o gelo se derreteu, uma pena. Quando ele voltou pra agradecer, viu os comprimidos e perguntou se eu poderia lhe ceder um. Sim. E ele voltou do balcão trazendo copo gelo e outra guaraná. Quando ia derramar a bebida retirei um gelo. Eu lembro, eu pressionava o cubo contra a nuca e ele perguntou se aquilo ajudava. Olhei bem dentro de seus olhos e antes que eu falasse, ele disse ter me visto numa palestra do congresso. E acrescentou também ter visto o outro, que logo o convidou a se sentar e, pronto, ficamos os três apertados naquela pequena mesa folheada a óleo. E o papo foi tão bom, porque foi bobo, estávamos cansados, suados, descabelados... Pedimos várias guaranás e quando eu vi, havia apenas um copo. Um só copo. Eu quis morrer. Eu sem os conhecer dividindo um mesmo copo?! Mas é que eles me pareceram tão tranquilos. Eu gostei muito rápido do nosso encontro, talvez porque tenha sido insuspeitável qualquer coisa além de uma simples guaraná compartilhada.

Marcelo e Joaquim cessam o beijo.

Sabrina – Isso porque ele não queria. Nem o beijo. Nem que eu os visse.

Marcelo – Como você abriu a garrafa?

Sabrina – Com a sede.

Marcelo – Eu tenho fome.

Joaquim – Então come o vinho. (*Puxando Sabrina*). Boa noite, amada.

Sabrina – Amado, já é alta madrugada!

Joaquim – Eu não vou demorar.

Sabrina – Isso já não depende de nós.

Beijam-se com desconfortável posição dos corpos.

SEXTO MOVIMENTO

Marcelo recolhe a garrafa da poltrona. Enquanto fala, apreende os dois no beijo.

Marcelo – Na nossa primeira vez a gente bebeu por horas seguidas. Foi uma guaraná depois da outra. E eu não esqueço o que determinou o meu amor pelos dois: foi a falta de educação. Porque bebemos os três num mesmo copo. Um só copo guardando os três lábios. Os beijos na borda do vidro anunciando o destino. Eu fiquei tão constrangido. Não com o copo, nem porque ele tava ali, mas porque ele me fez ficar constrangido e isso não foi um bom sinal. Não fosse ela, que pediu a primeira guaraná, eu teria pedido uma cerveja e teria fingido beber desde moleque. Fui chamado para dar uma palestra sobre o amor através do tempo, falar sobre como foi desenhado o amor na obra de poetas e escritores mil, enquanto aquele público me olhava e dizia: cara, você nunca deve ter se apaixonado, como é que pode falar assim?! Então a vi: no meio da multidão com postura romântica de bailarina atenta. Mais alta que qualquer um, porque me olhava não com cara de quem duvida, mas como quem convida e pede testa esse verso aqui comigo, vem aqui, e me onomatopéia, me alitera e me metaforiza. Isso acontece só umas três vezes na vida. Eu já havia negado outras duas. Por isso entrei fingindo querer ir ao banheiro. No bar mais imundo que vi na minha vida. Ela estava acompanhada, lavei o rosto. Sinceramente. Se antes de ir ao banheiro ele não tivesse me olhado daquele jeito. Eu lembro. Ele movendo o saleiro com extrema agilidade, teria sido insuportável não tivesse as mãos tão lindas. Eu fiquei perdido. Há momentos na vida que a gente pede aos céus que mande alguma coisa que nos faça durar mais tempo. E naquele dia, vieram os dois. Com aquela maldade doce, ou melhor, uma bondade confusa, sempre com um comentário pernicioso sobre o mendigo na entrada do bar ou sobre a gordura acumulada à mesa. Eu disse tê-la visto na minha palestra. Ele ergueu as sobrancelhas pedindo reconhecimento. Eu fiquei confuso. É que olhando pra nós três, ali naquela mesa obscena, eu só conseguia pensar em qual quarto teríamos mais espaço para ficarmos os três ao mesmo tempo reunidos, juntos, colados, aglutinados...

Sabrina desprende-se do beijo e volve até Marcelo.

Sabrina – Você disse alguma coisa?

Marcelo – Se eu disse alguma coisa?

Sabrina – Você disse, eu ouvi.

Joaquim – Mas você estava me beijando, como assim?!

Sabrina – Te beijando, sim, e daí?

Joaquim – O mundo costuma parar quando eu te beijo.

Sabrina – Que lisonjeiro.

Joaquim – Quando eu te beijo o mundo também para, Celo.

Marcelo – Quim...

Sabrina – Você não ouviu nada?

Joaquim – Não, eu estava ouvindo você, seu corpo...

Sabrina – Olha essa poesia ruim e viciada para cima de mim!...

Joaquim – É só essa que eu tenho.

Marcelo – E eu estava só lembrando... Talvez tenha escapulado alguma coisa...

Sabrina – Lembrando o quê?

Joaquim – Um encontro qualquer entre os três.

Marcelo – Algum problema?

Sabrina senta-se ao chão. Ficam os três, durante um tempo, cindidos.

Sabrina – Vocês acham que as coisas começaram a acabar a partir do momento em que um de nós pensou nessa possibilidade? Eu quero dizer, num daqueles dias, quando comprávamos livros, eu tenho certeza, eram livros, não sei se fui eu ou você ou você, mas um dos três tocou nesse assunto dos livros compartilhados. Não sei se foi você ou eu ou você, mas um dos três disse, quero ver no dia que a gente se separar. Vocês não acham que foi aí que tudo começou a se desmanchar?

Marcelo – (*sentando-se ao lado de Sabrina*) O dia que a gente se separar, você disse. E ele chegou. Os livros não poderiam prever. Não os culpe, a vontade de virar as páginas é nossa. Eles já estavam prontos quando nos conheceram, não puderam se atualizar.

Sabrina – Mas ainda assim ele perguntou por vocês...

Joaquim – Ele quem?

Sabrina – O nosso livro. Ele ficou comigo, se lembram? Na minha cabeceira. Quando eu apago o abajur antes de ir dormir, ele respira tão fundo, como se quisesse morrer...

Joaquim – Se vocês não se importarem, eu poderia passear com ele. Talvez seja a hora de levá-lo à Praga e à Zurique. Ele precisa conhecer seu próprio mundo, não acham?...

Marcelo – Vocês me impressionam. E me tiram a fala. Tudo isso é nosso, é meu, é nosso. Mas não acabou porque um dia você ou eu ou ele cogitou o fim. O nosso fim foi construído assim como agora terminamos de gravar nosso último retrato. Um atestado de existência. Isso que fomos que somos, é nosso, está aqui, não vai se perder.

Joaquim – Até que é boa essa sua idéia. De gravar esse último... Como se fala?

Marcelo – Não quero saber.

Joaquim – Esse último... Abraço. Pode ser?

Marcelo – Tanto faz.

Sabrina – Grava aí, então, Quim. Eu já tô com a memória cheia.

Joaquim – Eu ainda me lembro de tanta coisa. Tanta coisa que agora eu duvido se tudo isso existiu mesmo ou se foi inventado. Vocês se lembram daquele dia...

Sabrina – *(interrompendo-o)* Marcelo, escuta uma coisa! Não fica esbarrando em mim, não! Você pode muito bem deitar em cima de mim e me gravar todinha. Pelo toque, pela força dos seus dedos fazendo corte no meu corpo-celulóide. Anda, pára de se enrolar! Nada pode ser tão complicado assim. A gente se gosta, quer escuridão mais clara que essa, a do desejo? Olha, eu tô aqui toda arrepiada, você respirando ruidoso ao meu lado. Tudo latejando entre a gente e você vai me pedir licença para entrar?! Vai bater na portinha? Amado, vamos logo fazer sintonia, eu te peço: só me toque de novo se for pra em mim você se colar.

Marcelo se joga sobre Sabrina e ambos se beijam descontroladamente controlados.

SÉTIMO MOVIMENTO

Joaquim os contempla e desata a falar. Enquanto fala, mantém os dois no beijo ligados.

Joaquim – Que merda. A pior coisa que fiz na vida foi me acostumar a sentir ciúmes. Nem dói mais. Nem incomoda. Nem bem é ciúme, acho que fico na vontade, esperando a minha vez. A outra vez. Coisa típica de cachorro esfomeado. Típica coisa de quem tem fome. Alguém desesperado. Eu sou um desesperado tentando ficar mais calmo desde o dia em que começou o desespero. Sim, da primeira vez a gente nunca esquece. Naquele dia, para impressionar essa daí, eu inventei a medicina do gelo na nuca. Sorte a minha que rolou uma química muito boa entre os três. Nada alcoólico. A gente só bebeu guaraná. E só dormimos no meu quarto porque era o mais perto e porque estávamos dopados. Eu contei: dezenove latinhas de guaraná que divididas por três deram cerca de seis vírgula três três três três três latinhas para cada um. Isso explicou muita coisa que veio depois: insônia, músculos tremendo sozinhos, ritmo irregular das batidas do coração, taquicardia, alucinações. E os três achando que era o amor batendo na aorta, quando na verdade era a cafeína gangrenando tudo. E a dificuldade em respirar. A gente só fez respiração boca a boca naquele dia. Mas foi beijo demais. Depois, quando eu descobri que a árvore do guaraná era uma trepadeira, bom, as coisas deram uma melhoria. Mas antes, só beijo. Eu queria lembrar quem foi que colocou pela primeira vez um “a” antes do guaraná. De tudo o que colocamos dentro de cada uma das pausas. Mas não consigo. Talvez porque tenha consumido as coisas todas sem dó nem posteridade. Talvez por medo de ficar sozinho, por isso mesmo eu escolhi partir de nós. Sem adeus. E foi assim, que de repente, lá de longe, eu descobri que eu não tenho tanta graça sem eles. É isso. No final das contas, a gente só é por causa do outro. Eu já falei para vocês dos vários nomes que o guaraná pode ser chamado?

Marcelo e Sabrina cessam o beijo e sentam-se, mirando à frente.

Sabrina – Não, você não falou nada.

Marcelo – Ah, falou sim, Bina. E eu ouvi tudo, Quim. Atento.

Joaquim – Você gravou bem a parte em que eu disse ter beijado demais a sua língua?

Marcelo – Eu gravei. Eu gravei a coisa do gelo da trepadeira e da fome, no entanto...

Sabrina – Nada disso poderá ser mudado. Por isso você não disse nada que já não tenha dito. Porque é essa a sua versão dos fatos. E não a minha. Quiçá a do Marcelo.

Marcelo – Então é isso? Ficaremos fechados na nossa impressão das coisas?

Sabrina – É só isso que eu vou levar quando for embora daqui.

Joaquim – O que não nos impede de tocar no assunto do guaraná. Afinal, quem começou com essa palhaçada da guaraná?

Sabrina – Eu não quero falar sobre isso.

Marcelo – Foi ela.

Sabrina – Ou você?

Joaquim – Não fui eu.

Sabrina – É o nosso mistério. A nossa incompreensão. Nossa graça nossa única coisa sem explicação. Não vamos aparar as pontas. Não vamos querer explicar a sede nem a fome nem o desejo... A gente é isso, gente. A gente não tem mais jeito.

Marcelo – Certo. Só me esclarece um último mistério. Como você abriu a garrafa?

Sabrina – Marcelo, nós bebemos todo o vinho e você quer saber como eu o abri?

Joaquim – Ela abriu com um botton... Que é uma coisa que tá na moda.

Sabrina – Ah, mais na moda do que nós três é impossível.

Joaquim – Vou ficar com ele pra mim.

Sabrina – Como assim?

Joaquim – O seu botton agora é meu. Fica com a rolha.

Marcelo – Espera, a rolha é minha.

Sabrina – Não, é do botton.

Joaquim – Mas o botton é meu.

Sabrina – Então a rolha vai junto. Se você tentar tirar ele vai estragar.

Joaquim – Então agora eu tenho uma rolha-botton... Ou melhor, um botton-rolha...

Marcelo – E eu?

Sabrina – E eu o quê, Marcelo? Não é distribuição de brinde, não!

Joaquim – São apenas lembrancinhas, sutilidades, souvenirs...

Marcelo – Tudo isso mais concreto que a minha vontade de gravar nosso encontro.

Joaquim – Mas você não está saindo daqui sem nada nas mãos, não! A gente dá uma ótima história de amor, você tinha que escrever! A história de Joaquim, abandonado por seu marido Marcelo e por sua mulher Sabrina, que fogem para a Nova Zelândia e vão morar numa fazenda em Queenstown, onde começam a plantar e a exportar amêndoas. A fim de parecer bondosos, o casal encaminha para o Brasil, terra natal de Joaquim, uma porção especial de amêndoas. Ainda crente no amor dos dois, Joaquim recebe a entrega e prepara com as amêndoas um jantar virtual com seus antigos parceiros de guerra. Eis que após o brinde, ao beliscar as amêndoas abiscoitadas, Joaquim se engasga e, de longe, o fazendeiro Marcelo e sua vaqueira Sabrina, vêm na tela de seu computador IBM o corpo do antigo amante volvendo ao chão. No dia seguinte, eles teriam sido deportados e presos. Culpados pela morte provocada pelo excesso de cianureto presente nas amêndoas terroristas. No interrogatório final, muitíssimo abalada gorda e envelhecida, Sabrina afirma nunca ter sabido que amêndoas precisavam ser tratadas previamente para eliminação do veneno...

Sabrina – Quim, eu adoraria saber qual teria sido a minha última fala...

Marcelo – Eu acho que você teria dito... Foi por amor.

Joaquim – Nossa, ele é um excelente autor, não?

Sabrina – Tão bom que eu vou levar aquela lataria ali como lembrança deste encontro.

Marcelo – Parece comigo, não?

Sabrina – Pois agora é minha. Vai ficar no meu jardim. É o mimo que eu escolho.

Joaquim – Mas eu trouxe para o Marcelo.

Sabrina – E quem disse que eu trouxe o botton para você?

Marcelo – Eu não me importo. Mas fico com o quê?

Sabrina – Como você também não se interessou pelo romance do Joaquim... Fica com a sua garrafa de vinho. Só sobrou isso, não foi?

Joaquim – Se você quiser, eu posso te dar minha cueca, quer?

Marcelo – Não, Quim, obrigado.

Sabrina – Quer a minha calcinha então?

Marcelo – Não, você é um pouco suja.

Sabrina – Bom, tem gente que gosta da mendiga.

Joaquim – E como...

Marcelo – Então eu levo vocês dois comigo, pronto.

Sabrina – E leva junto meus dois filhos e meu cachorro e meu marido.

Joaquim – Eu posso te alugar um semestre do meu corpo, já disse.

Marcelo – Não... Levo os dois aqui nessa garrafa. A sua boca beijando a dela que beijando a minha, nos faz também se beijar...

OITAVO MOVIMENTO

Os três lado a lado olhando adiante. Entre eles, um desejo enfraquecido de se olharem.

Sabrina – Eles têm uma coisa com ela. Noutra dia, a menorzinha queria saber por que ela dormia na chuva. Ela não fala escultura. Eles a chamam de Tereza. Por que a Tereza dormia na chuva. Eu não soube o que dizer e falei que era porque a Tereza era muito forte, de ferro, dura, que aguentava tudo e ela me pediu. Posso dormir na chuva com a Tereza? Eu disse não. Eu disse que não. E veio o outro. Dias depois, olhando de dentro da cozinha para o quintal, perguntou. Mãe, o que é ferrugem? Aquilo me incomodou tanto. Eu o peguei pelas mãos e o levei até Tereza. A escultura. E ele me apontou a coisa em si e de novo perguntou o que era. E eu soube dizer... E lhe disse. Filho, ferrugem é o nome dado ao amor que acontece entre as coisas e o tempo.

Joaquim – Não teve carnaval, a gente trocou a quantidade de choro pela qualidade da despedida. Estava tudo já tão delicado, que qualquer coisa mais espalhafatosa colocaria em risco a construção. Ficamos um longo tempo olhando para frente. Acho que estávamos testando pela primeira vez a nossa capacidade de não estar presente para o outro. Foi um longo silêncio. Daqueles que nunca se leva adiante. Mas a gente conseguia. A gente conseguiu. A gente tem conseguido.

Marcelo – Um longo tempo sentado ao chão olhando para frente. Eu queria vê-los. Mas não queria que me vissem e se sentissem comprometidos a tomar partido da minha tristeza. Ai a Sabrina falou dos filhos. Queria tê-los conhecido. Mas não disse isso. Disse apenas que as crianças quando nascem não choram por sentir o ar entrando pela primeira vez em seus pulmões. Os bebês choram primeiro porque descobrem muito cedo que são capazes de amar...

EPÍLOGO

Estáticos, olham adiante. Estão juntos, mas ermos. São feito lembrança, deste agora.

Marcelo – Ela saiu, depois ele. Eu por último. Com tudo gravado. Gastei tempo desfiando as horas. Contando o tempo por maços de cigarro. Eu fiquei dias parado. Não tentando esquecer, mas deixando partir tudo o que não quisesse ficar. E nem bem lembrei o nosso último encontro, hoje ele é quase todo reinventado. O que ficou foi justamente tudo aquilo que sem eu saber, acabou sendo um acorde final da nossa comunhão. O abraço que só depois veio a ser o último. A promessa que não tivemos tempo para realizar. Os sonhos compartilhados e que não vieram.

Sabrina – Com certo tempo a gente se acostuma com o tempo. Com certo tempo, o que a gente faz é dar as mãos ao inevitável. E aprende a andar nu, destemido. Hoje eu acho que se a gente ainda fala disso ou pensa ou esquece ou lembra, é pelo simples fato de não termos encontrado uma palavra que desse conta de tudo o que vivemos juntos. Amor não vingou. Continuamos em busca de uma palavra incapaz de se nomear.

Sabrina permanece estática, olhar lá na frente. Joaquim vai até a mochila e pega seu botton-rolha. Marcelo, sua garrafa. Formam os três uma reta paralela ao limite.

Joaquim – Hoje, quem me vê agarrado a esta rolha espetada num botton, não sabe nada de mim. Eu chego a duvidar se há mais beleza nisso tudo do que realmente possa ter existido. Porque agora, quando a gente já nem mais se frequenta, tudo ainda continua tão possível. É por isso que eu nos olho e preciso admitir: fomos mesmo divinos.

Sabrina – (*volve até a escultura e a arrasta até o limite*) Muitas vezes voltei até aqui. E como agora, o que me recebeu foi sempre a escuridão. E isso já não me assusta. (*Terminando de arrastar a escultura*). Sei que a parte disso, permanecem nossos sonhos em todo e qualquer outro que tenha nos visto quando assim apaixonados.

Joaquim – Na crista da onda. No auge, em plena ereção. O que terão de nós levado?

Sabrina – Quão comum teremos sido nas conversas de botequim? E com qual brilho?

Joaquim – Por nós, alguma briga terá sido apaziguada? Com que rapidez teremos secado um rio e com quais intensidades?

Sabrina – Os abraços estimulados, os sorrisos revividos, as mãos que de novo e mais outras vezes de novo se tocaram. Que rumo alterado que suicídio teremos evitado que felicidade feito nascer que suicídio o nosso...

Marcelo – Eu poderia ter escrito um livro, mas fiquei ali cravado feito ponto final multiplicado feito reticências sem grito nem sangue tiro ou traição, a nossa história foi feita de coisas mais simples, por que não? Qual poesia terá multiplicado a centelha de tudo aquilo que – hoje – sucumbiu nosso coração?

Sabrina – Muitas vezes eu voltei até aqui. Para ver este céu, sem igual. Ver alguma coisa além de nós três se movendo na escuridão. Talvez eu tenha vindo até aqui – hoje – para confirmar tudo o que eu ainda não sei de nós três...